

MELKIMARANENSE.

N.º 5.

Aqui vão troando
Os éccos das bombas,
Que estourão nas trombas
Dos Rhyneçorontes.

Preço 40 réis.

Fel. Elis.

Sexta-Feira 7 de Fevereiro de 1823.

SERA' CRIME DIZER UM PORTUGUEZ — EU SOU LIVRE? —

O Evangelho dos direitos do ómém gravado com indeleveis carateres em jo coração do mesmo ómém á sido constantemente a pedra de escândelo dos soberanos, que ambicionão endeosar-se. Na vasta, e longa carreira da demencia humana nada assoma mais ridículo; e digno de rizo do que o intitulado *direito divino*, por o qual o ómém se julga senhor do seu semelhante, o procura vilmente amilhar ante quatro taças de pinho sorridas de yeludo; e se inaugura de moto proprio o arbitro de de seu destino, dos pensamentos do seu semelhante, e de sua liberdade. Lancemos um golpe de vista sobre a Europa, e seus governos, e mostremos que não é pecado dizer o portuguéz de 1823: *Eu sou livre*.

Pôde a Grã Bretanha assassinar a dynastia dos desgraçados *Carlos I.*, e *Carlos II.* Pôde entregar ás mãos usurpadoras de um *Cromwell* o setro dos *Swards*, e chamar ultimamente o eleitor de Hanover a ocupar o trono da Rainha *Anná*; pôde esta nação governar-se por uma constituição representativa, ter Cortes divididas em duas câmaras, a dos *Lords*, e dos *Comuns*; e não pôde Portugal ter um governo representativo, e suas Cortes?

Pôde a França republicanizar-se sobre os ensanguentados mantos de *Luiz XVI.*, e de *Maria Antoiniette*, pôde entregar o leme do Estado a um

Corço, despedi-lo, e da-lo a *Luiz XVIII.*: pôde esta França governar-se por uma Carta constitucional, e ter um governo representativo, e não pôde Portugal ter o mesmo?

Pôde a Suecia subtrair-se ao jugo de *Cristierno II.*, nomear seu Rei na pessoa de *Gustavo Vasa*; pôde ultimamente destronar seu descendente o conde de *Gottorp*, substituilo por o príncipe de *Ponte Corvo*, o general francez *Bernardotte*, que nenhuma parentesco tinha com o neto de *Gripsholm*, pôde a Suecia ter suas cortes, e não as pôde ter Portugal?

Pôdem os Paizes Baixos, a Saxonia, o Wurtemberg, a Hungria, a Suissa, e a Polonia terem governos representativos, e Cortes, ou Diétas, e não as pôde ter Portugal? E porque? porque o não quer a Russia, a Prussia, e a Austria? E que benefícios tem feito os chefes destes Estados à familia Europeia, para exigirem da Peninsula este sacrifício? Quando a Europa toda se dominava por as idéas de *Napolião*, figura fazendo estas altas potencias? *Alexandre* abraçava em *Tilsit*, e em *Erfurt*, o seu irmão *Napolião*, e consentia no roubo de Espanha, e Portugal e *Guilherme* lhe mandava bandas bordadas por as mãos de sua virtuosa esposa para adornarem a o maior ómém, que ele: conhecia, e o Imperador *Francisco* o regalou com sua filha *Maria Luiza*. Em quanto estas altas potencias se prostavão ante o seu ídolo, *Napolião*, a Peninsula o combateo, a Peninsula derrotou seus generaes afamados, e a Peninsula em fim fez acordar da letargia essas altas potencias, que oje seguem suas

pizadas, e que aspirão á monarquia universal. A Peninsula de 1823 não será a mesma de 1808? Ela o será porque o carater de seus filhos já mais á sido desmentido desde Pelaio até o valente Riego.

ARTIGO COMUNICADO.

1831

Um Constitucional aos Corcundas da sua Patria.

A vós, que em a face mostraeis o jubiloso prazer, que vos infunda o coração perverso, por a ameaçada invasão Peninsular, a vós, que andaeis insultando coth vossas pregações, com vossos sorrizos o socêgo de vossos concidadãos e o seu amor à Constituição do seu paiz; a vós corcundas infames, que desejaes a guerra devastadora, dirigê um com patriota quasi expréções! Que bens, q regalias esperaeis vós da guerra? Sereis vós mais felizes, quando o soldado francês talar com pé sacrilego vossas famílias, roubar vossos gados, desflorar vossas filhas, saciar em vossas mulheres seu carnal apetite, saquear vosso ouro, vossas alfaias, e vossos úteis, dado q possaés escapar á sua ensanguentada baioneta? Sereis vós mais felizes quando sujeitos a um pdcer estrangeiro vós virdes carregados de tributos, e olhares o nosso imortal monarca fazendolá a figura do Rei de Napolis? Esperaeis vós que os franceses concedão a simonia aos cohegós, as grandes rendas aos bispos, mais vinte cavalos aos abades, que tornem a formar a bicha, e deém suas patentes aos ex-capitães mōres, ex-majores, ex-capitães, &c. que tornem de novo os direitos banaes, a caudelaria, a inconfidencia, e voto de São Tiago? Esperaeis que se multipliquem os frades, e as freiras, e que se levantem mais conventos, se vós esperaeis tudo isto, esperaeis débalde o que eles cõcederão é uma contribuição de 40 milhões á maneira da de Junot, e bico calado.

Tudo isto (direis vós) só lade pezar sobre a cabeça dos constitucionaes, nós os corcundas avemos de ser bem

tratados; logo que eles entrem, distico á porta = *AQUI E' A CASA DE UM CORCUNDA* =, e logo eles mandão tocar a muzica, dão vivas ao dono dela, e arespeitão, e enchem de felicidades. — Papelões, q fizerão eles áqueles, que, quando eles em 1809 entrarião em Guimaraes bradavão = viva o Imperador, viva Napoleão. = Pontapé, bofetões, e saque. Olhai para Braga, ela em vez de imitar a nobre firmeza, e patriotismo de Guimaraes, em vez de resistir como esta ás ordens de Soult incensou a tirania dos franceses: que premio teve? Uma medalha ide lá que vo la mostre; para modelo da vossa pór vossos serviços! quereis ser os Mesquitas de Guimaraes, vós que julgaes que os franceses vós trazem a paz e as venturas, vós que vos alegraes por as notas Metternich, e de Vilele?

Quando em 1809 rebentou a anarquia em esta província; quando se estatuiu o *viva neumorra*; não andamos vagando por os montes? Quantos compatriotas nossos não morrerão assasinados com o falso grito: — morte que é frances! E não procurava o povo vinagar se díqueles que suspeitava serem falcões a patria? Respeitou ele então a nobreza, ou a riqueza? Fúrias, instigadas por q saque, el por a vingança, eles declararão guerra de morte a todos aqueles, que os assombravão, e tereis vós mais privilégios, que tinham os nossos compatriotas então? A loucos reunidos de Baixo do Estandarte Constitucional, sede fieis á Patria. Se a demanda comeca, o bravo Exercito Portuguez vencerá a Causa, e vós corcundas pagareis ás custas em trezdobro.

Ouve em Roma um capaetiro recomendão chamado *Pasquin*, que dizia muito boa chalaça, e em cuja loja se juntavão os ociosos, e murmuradores romanos. Este mestre soia afichar de noite sens ditbas, e graciosidades em uma estatua de marmore, que se achava junta a um palacio, a qual não tinha nariz, braços, e pernas: estes pa-

pelinhos nutrião a curiosidade pública
no dia seguinte. Este gosto do capateio
se generalizou em toda a
Europa, e felicemente se acha nacionaliza-
do entre nós. A semana passada, ap-
areceu em as esquinas da nossa fértil
vila um, de mui esquezita construtura:
ele se dirige a atacar varios cidadãos,
de que não somos apologistas, e menos
defensores; como porém o tal rémendão
Vimaranense mimozeu nele tão bem o
Azemelinho, este pobrezito conforme
pode dirigir seus agradecimentos ao au-
tor, ou autores do recente pasquin, per-
suadindo-o a que continue no que lhe
da muito gosto, na certeza de que são
preciosos fatos para o *Azemelinho*, dar
cavaco, e ir á parede quantos ovos são
precisos para derrubar a torre do cas-
telo.

Tendo-se afixado um pasquin em
Pariz contra Luiz XIV, que dizia muito
mal dele, o participário a *El-Rei* com
grande sentimento de indignação; S. M.
respondeo: --- *O pasquin está alto?* Sim
Real Senhor, lhe respondeo o que le-
vou a novidade. *Eu-Réi* com tudo o
sangue frio, e seu risinho, lhe disse,
Idem arrançao, e ponde-o mais abaixo,
para que todos leiam à sua vontade. O
Azemelinho não é *Luiz XIV*, nem pa-
ra lá caminha, mas com licença do Rei
defunto, lança mão da sua palavrão-
rada, e com clareza responde *per omnia se-
cula seculorum* a seus antagonistas re-
mendões.

F R A D E S.
[Artigo continuado do N.º 12] (*)

O monacato digno jsem dúvida de
todos os encantos nenhuma primitiva
observância, nos evidenciou em sua du-
racão efemeraz que um tão austero ins-
tituto era pezado fardo para as forças

(*) A grande astuacia de cor-
respondencias, e outros objetos, que de-
vião forçosamente encher o *Azemel* tem
impedido ate agora a continuação deste arti-
go.

da natureza humana. Principiava ape-
nas o quinto século quando os *Monges*
desamparando os já aborídos desertos
de *Nitra*, e da *Tchaida*, começaram a
levantar pomposos edifícios nas cidades,
onde aspiravão não só ás comodidades
d' uma vida ociosa, mas até aos car-
gos, e alta representação do século.
O trabalho de mãos, com que seus maiores
a imitação do grande *Paulo* provião ao
mesquinho gasto d' uma parca subsis-
tência bem cedo se autolhou a estes
Faquires da nossa *Religião*, baixo e des-
presível emprego; enriquecidos com as
dadias, que sobre eles despendia a su-
perstição, e ignorância dos povos, lhe
substituirão uma devota ociosa medita-
ção, e o fertil estudo de uma diaética
enredadora, fertil manancial das calamida-
des da Igreja. Assim os *Monges* se
relaxarão apenas se fizerão ricos, e i-
nertes: mas quando eles conseguirem
essas odiosas, e funestas izenções com
que em despeito do poder episcopal os
Papas remunerarão seus serviços obrados
em pró da santa Sé, quando munidos
com este cartas de impunidade se arvo-
rarão em exercitos do *Papa*, unico i-
dolo aquele prostituição seus insensos,
quando conseguirão calcar livremente
as regras canonicas, e servir de ponto
d' apoio a todas as injustas pertenções
da ambiciosa curia contra os legítimos
interesses dos imperantes, e dos povos,
eles erguerão um tão elevado autêmu-
ral, que affrontando de contínuo o tro-
no, fez muitas vezes estremecer a Terra.
Nós podemos sem que receamos incor-
rer na nota de temerários proferir o se-
guinte juizo. Os *Monges* desde o quinto
até o duodecimo século, bem longe de
serem utéis foram nocivos á *Religião*, e
ao estado: nocivos porque, sendo uns
corpos ociosos catregavão sobre as clas-
ses do estado, que por uma ignorância
que eles fomentavão contribuião para a
sua subsistência; nocivos porque seu
grande numero desfalcava sensivelmente
á população; nocivos porque izentos da
jurisdição dos Bispos sendo peças des-
locadas na máquina da Igreja dessexarão
um golpe mortal sobre sua disciplina;
nocivos finalmente, porque eles foram os
fautores de quasi todas as erézias, que
se levantarão, e que tanto afigirão a
Religião. Sim foi das santas gaiolas dos
Monges, que saiu um *Nestorio*, um *Eut*-
tiques, um *Pelagio*, e *Celestio*; foi des-
tas cavernas de Caco que saíram os *Go-*

escalos; os Arnaldos de Bresse, os Petros de Bruys, e outrós desta laia.

[Continuar-se-á]

Apezar da groça chuva destes dias, recebemos notícias do santo exército da Escravidão nacional, e nos apressamos a comunicar a nossos leitores o grande JANTAR, que ouve em o Quartel General, por a notícia da retirada dos Ministros d' Austria, Prussia, e Russia de Madrid, que nos participou o Diabinho Espreitador, nosso Legado á Latere acreditado junto ao Quartel General.

GRANDE JANTAR.

Erão 3 horas em ponto quando principiarão a entrar os convidados: as primeiras personagens, que se apresentarão no salão forão as trez irmãas as Excellentissimas Senhora D. Intendencia, D. Inconfidencia, e D. Inquisição, todas trez filhas do Excellentíssimo Despotismo, que vinha atras delas coxeando por o braço de sua esposa D. Estupidez, que vinha enseitada com seus bules bules. Seguiu-se depois o Ilmo. Privilégio do Foro de cabeleira redonda, dando o braço ás suas velhas Amazias ás ilustríssimas D. Chicana, e D. Ordenação Afoncina, com vestidos de cauda feitos pelos modistas Paiva, Poma, e Pegas, e forrados d' autos velhos por causa do frio. Entrou depois o Direito Banal, fazendo caretas, e queixando-se d' obstrução. Depois entraram duas velhas mui gaiteiras, era uma a Excellentíssima Meza da Consciencia, afastando um semblante escrupuloso, e outra a Meza da Desembargo do Paço com ar gracioso: ambas vinham de chinó, topete, e polvilhos. Depois entrou mui obezo Fr. Capítulo Fradesco, com passo grave, cara de intriguista, e sor-

vendo tabaco. Depois a Excellentíssima D. Ordenança, de vestido verde desbotado, e facá de mato, e ár de tizica (metia dó). Seguiu-se D. Caudelaria, mui magra, o voto de S. Tiago, em ar de melancolico, o Príncipe mór, o Conselho do Almirantado, a Junta do Tabaco, e a Junta da Casa de Bragança, e muitos outros, que não conheceo o Diabinho Espreitador. Quando já se estava á meza chegarão duas traquitanas, fazendo muita bulha, delas aparecerão as Senhoras Indicações Peixotina, e Acurciana, de braço dado, ar folgazão rapando muito os pez; entrarião no salão com espavento, e forão saudadas com toda a etiqueta por os convidados.

Servio-se o jantar, que foi esplendido, e com profusão: entre as iguarias, a que mereceo maior aplauzo foi um prato de gazetas universaes recheadas de corcundices, que foi repetido trez vezes: todos lhe lambião os beicos, e perguntarão quem era o cozinheiro do tal pratinho, e o General Servilismo, que fazia as onras da cesta, se levantou, e disse: é o Lopes. Viva o nosso Lopes, gritarão todos. Ouve uma impada de Facecias, que tambem deo no goto.

Passarão ás vivas, que forão duplicados com entusiasmo. O primeiro viva foi à Santa Aliança: o segundo ao Exercito da Fé, e o terceiro à José Bonifacio.

Passou-se á dança, e as Excellentissimas Indicações, Acurciana, e Peixotina dançarão o minuete da Corte, que foi acompanhado por os periodicos Trombeta, e Rebecão. Dona Inquisição dançou ás gaivotas eclesiásticas com muita decencia. Fr. Capítulo, e Dona Inconfidencia rematarão o divertimento com a gaita gallega.

Dona Ordenança, se levantou, e disse: Peço a palavra, e sendo-lhe concedida, requereu se votassem agradecimentos ao mestre Lopes por seus bons guizados, foi apoiada, e se votarão agradecimentos ao Mestre Cozinhheiro, que foi introduzido no salão, e fez as trez Zumbaias da itiqueta.